XI ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 28 e 29 de setembro de 2026

# CONHECIMENTO DE HOMENS ADULTOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS FORMAS DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Flávia Duranes Souza[1]
Alana Cecília de Jesus Santos[2]
Isa Clara Andrade Souza[3]
Wallace Almeida Gonçalves[4]
Luan Nascimento de Jesus[5]
Juliana Costa Machado[6]

## Introdução

A Violência Contra as Mulheres definida como qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado, constitui um grave problema social e de Saúde Pública (Brasil, 2006). Trata-se de um fenômeno multicausal, relacionado às desigualdades econômicas e aos aspectos subjetivos e comportamentais presentes na sociedade (Sousa *et al.*, 2026).

Nesse contexto, a violência também está relacionada à permanência de padrões patriarcais e machistas que sustentam desigualdades nas relações entre homens e mulheres. Embora as mulheres tenham conquistado maior visibilidade, autonomia e reconhecimento de seus direitos, a educação sexista contribui para a manutenção de papéis e comportamentos baseados nas diferenças de gênero. Assim, diante do questionamento das estruturas tradicionais de poder, a violência pode ser utilizada como forma de controle e reafirmação da autoridade masculina, especialmente nas relações conjugais (Viana *et al.*, 2024).

[1]Acadêmica do Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: flaviaduranes18@gmail.com
[2]Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB, Campus de Jequié. Bolsista de Iniciação Científica da UESB. E-mail: alanacecilia2004@gmail.com
[3]Fisioterapeuta. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. E-mail: fisioisaclaraandrade@gmail.com.
[4] Fisioterapeuta. Mestrando do PPGES da UESB, Campus de Jequié. E-mail: wallacealmeidaaga@gmail.com.
[5]Acadêmico do Curso de Graduação em Enfermagem da UESB, Campus de Jequié. E-mail:luannascimentodejesus@gmail.com.
[6] Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e do PPGES da UESB. Vice-líder do GPVIO. E-mail: juliana.costa@uesb.edu.br

Além disso, a violência contra a mulher apresenta diferentes formas de manifestação, entre as quais se destacam as violências física, psicológica e sexual, que podem ocorrer de maneira isolada ou simultânea. A diversidade dessas manifestações evidencia a complexidade da violência e seus diferentes impactos sobre a vida e a saúde das mulheres (Oliveira *et al.*, 2024).

Dessa maneira, compreender o conhecimento de homens adultos jovens universitários sobre a violência contra a mulher possibilitam identificar os sentidos e significados atribuídos a esse fenômeno, contribuindo para uma análise mais ampla dos fatores que favorecem sua naturalização e reprodução. Sob essa perspectiva, é possível após desvelar esse conhecimento compreender como valores, crenças e experiências sociais influenciam a forma como os homens percebem e interpretam a violência contra a mulher, evidenciando aspectos que podem contribuir para sua manutenção ou para a transformação dessas relações.

## Objetivo

Apreender os conhecimentos de homens adultos jovens universitários sobre as formas de violência contra a mulher.

## Métodos

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, de natureza qualitativa, onde o cenário foi uma universidade pública do interior da Bahia, Brasil.

Os participantes da pesquisa foram discentes homens adultos jovens que estavam cursando algum dos cursos de graduação da universidade. Como critérios de inclusão, foram considerados homens adultos jovens autodeclarados, com idade entre 19 e 24 anos. Como critério de exclusão, foram considerados os homens adultos jovens que estavam afastados de suas atividades acadêmicas por alguma situação de saúde.

A coleta de dados ocorreu no período de abril a junho de 2026, por meio de entrevistas semiestruturadas individuais com 30 homens adultos jovens. As entrevistas foram realizadas em sala reservada na universidade e gravadas em dispositivo eletrônico, após o consentimento dos participantes. Posteriormente, foram transcritas e o material obtido foi organizado para análise utilizou-se a técnica de análise de conteúdo modalidade temática proposta por Bardin, neste processo de análise dos dados compreenderam três etapas: primeiramente a pré-análise, seguidas com leituras flutuantes, posteriormente, houve a exploração do material destacando as mensagens mais relevantes, e por fim, o tratamento dos dados que ocorreu com a inferência e interpretação dos dados (Bardin, 2016). Para esse resumo será apresentada a categoria que trata sobre “Conhecimento de homens adultos jovens universitários sobre as formas de violência contra a mulher”.

Este estudo é um recorte do Projeto de Pesquisa: Representações Sociais de homens adultos jovens sobre a violência contra a mulher. Foram respeitados os princípios éticos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde para pesquisas envolvendo seres humanos, garantindo aos participantes voluntários o sigilo, anonimato e possibilidade de desistência em qualquer etapa da pesquisa. A participação ocorreu mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UESB, sob parecer nº 6.686.958/2024 e CAAE nº 77764124.0.0000.0055.

**Resultados e Discussão**

A caracterização dos participantes evidenciou um grupo constituído por estudantes de diferentes áreas do conhecimento e em distintas etapas da formação universitária, com faixa etária entre 19 e 24 anos. No que se refere às características sociodemográficas, observou-se predominância de participantes pardos (13) seguidos de brancos (10) e pretos (7), em relação à situação conjugal, 29 participantes eram solteiros e apenas um vivia em união consensual e todos declararam não terem filhos. Em relação ao contato prévio com a temática investigada, parte dos participantes relatou já ter participado de palestras e atividades educativas relacionadas à violência contra a mulher e às relações de gênero.

A violência física foi uma das formas de violência mais citadas pelos participantes, sendo reconhecida como uma manifestação recorrente tanto em espaços públicos quanto no ambiente doméstico. Essa compreensão aparece na fala do Participante 21, que também relaciona a violência física a outras formas de agressão, como a verbal e a sexual:

> *"As que eu sei foram da época que eu estudava no concurso, infelizmente, tive vários exemplos, que foi física, verbal e sexual, que pode ter também essa ligação com a física. E são essas que eu conheço. A violência física é uma que eu vejo que seja a mais recorrente, porque às vezes acontece muito em lugares públicos e no domicílio. A sexual é questão de estupro, que às vezes muitos deles acontecem em questões de "festas", entre outros. E a verbal é em questão de alguma discussão que a pessoa pode querer ter mais voz e acabar se exaltando, insultando usando argumentos pejorativos em questão feminina, querendo diminuir a figura feminina." (Participante 21)*

O conhecimento apresentado pelo participante está em consonância com dados da Organização Mundial da Saúde, segundo os quais uma em cada três mulheres no mundo sofre violência física e/ou sexual ao longo da vida (Santos *et* al., 2026). No contexto brasileiro, Sousa *et al.* (2026) também destacam a violência física como uma das formas mais recorrentes e naturalizadas de agressão contra as mulheres. Corroborando essa realidade, Guaranha *et al*. (2025) identificaram proporcionalmente maior ocorrência de casos de violência física e sexual em seu grupo investigado, reforçando a relevância dessas manifestações no enfrentamento da violência contra as mulheres.

No ambiente de trabalho, a violência foi associada principalmente à sua dimensão verbal, expressa por meio de julgamentos, humilhações e falas que reforçam a ideia da mulher como inferior.

> *"Olha, eu acredito que, por exemplo, no ambiente de trabalho, existem algumas formas de violência, principalmente, aquelas que tem como por exemplo, a questão de associar sempre a mulher ao sexo frágil, digamos assim, e isso é uma forma de opressão que eu acredito que se encaixe contra um tipo de violência, mas não sei definir o quê. [...] Violência verbal também, que é o fato da pessoa promover situações de humilhação, de julgamento. Acredito que eu só conheço essas." (Participante 24)*

A compreensão apresentada pelo participante é apontada por Teixeira *et al*. (2024), ao evidenciarem que as relações de gênero ainda sustentam desigualdades, desvalorização e subordinação das mulheres no ambiente profissional. Além das formas de violência mais

citadas, o Participante 8 também reconhece outras manifestações, consideradas por ele mais sutis:

> *"Várias formas, acredito, forma física, psicológica, moral, sexual e outras formas inclusive mais sutis, como isolamento social e questões patrimoniais também." (Participante 8)*

Essas formas podem afetar diretamente a autonomia e a segurança das mulheres. A violência patrimonial manifesta-se por meio do controle, da restrição ou da exploração dos recursos financeiros, podendo gerar dependência e dificultar o rompimento com o ciclo de violência (Papile *et al*., 2026). Da mesma forma, o isolamento social pode afastar a mulher de sua rede de apoio e dificultar o acesso à proteção (Santos *et al*., 2026).

Embora os participantes reconheçam algumas manifestações da violência contra a mulher, observa-se dificuldade em identificar outras formas para além das mais conhecidas. Isso aparece na fala do Participante 3, que, apesar de mencionar diferentes manifestações, demonstra incerteza ao tentar ampliar sua resposta:

> "*A física, a psicológica, a que envolve a dependência financeira, através de redes sociais, de mídias, né? Eu sei que existe mais, mas não vou saber falar agora quais" (Participante 3).*

De forma semelhante, o Participante 15 limita seu conhecimento às formas física, psicológica e verbal:

> *"Tenho conhecimento da violência física, psicológica, verbal, outras assim não sei" (Participante 15).*

Esse cenário reforça que o conhecimento sobre a violência contra a mulher ainda pode estar limitado às manifestações mais conhecidas, dificultando o reconhecimento de outras formas que também fazem parte dessa realidade. Essa percepção restrita pode influenciar a maneira como diferentes situações de violência são identificadas e interpretadas (Miura *et al*., 2024).

## Conclusão

A partir do que foi observado, os conhecimentos dos homens adultos jovens universitários sobre a violência contra a mulher estão associados, sobretudo, às formas mais conhecidas e visíveis. Embora exista reconhecimento de diferentes manifestações, a dificuldade em identificar formas menos evidentes aponta para a permanência de compreensões restritas, que podem contribuir para a subestimação de determinadas formas de violência contra a mulher.

Diante desse resultado, é necessário fortalecer ações de educação e sensibilização no ambiente universitário, de modo a ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a violência contra a mulher e promover uma compreensão mais crítica sobre suas diferentes manifestações.

**Descritores:** Violência contra Mulher. Homens. Violência de Gênero. Representações Sociais.

**Referências:**

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei nº. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 14 de setembro de 2026.

GUARANHA, Olívia LC; MIRANDA, Juliana Rocha; MARINHO, Fátima; TEIXEIRA, Renato; SANTOS, Erik; WINGERTER, Denise Guerra; SILVA, Paola da Costa; CARVALHO, Diana Paula de Souza Rego Pinto; VITÓRIO, Gleidson Paulino; REINACH, Sofia. Integração de dados para prevenção de violência contra meninas e mulheres no Nordeste do Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [*s. l.*], v. 49, e66, 2025.

MIURA, Paula Orchiucci; MEDEIROS, Alice Dantas de; SILVA, Gisele da Luz Freire; SENA, Joelma Correia de; ROCHA, Cely Santos. Violência psicológica contra a mulher nos relatos de ocorrências policiais no Estado de Alagoas, Brasil. **Cadernos Saúde Coletiva**, [*s. l.*], v. 32, n. 3, e32030256, 2024.

OLIVEIRA, Yanco Paternó de; ARAUJO, Andreia da Fonseca; RIBOLDI JUNIOR, Oswaldo; FRUGOLI, Rosa. Consequências da violência de gênero na saúde de universitárias: um estudo de caso sobre relacionamentos íntimos abusivos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, e34087, 2024.

PAPILE, Mickaele da Cruz; NOGUEIRA, Sophia Cheyenne Meschiatti Reis; PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima; PARENTI, Ana Beatriz Henrique; ALMEIDA, Raissa Janine de; CARVALHEIRA, Ana Paula Pinho. Violência patrimonial contra mulheres cometida pela parceria íntima: estudo de base populacional. **Cogitare Enfermagem**, [*s. l.*], v. 31, 2026.

SANTOS, Kezia Cristina Batista dos; MARTINS, Lívia Kemilly de Sá; CARDOSO, Luciane Sousa Pessoa; ARAÚJO, Mayra Sharlenne Moraes. Violência contra a mulher: perfil epidemiológico dos casos e óbitos notificados na Baixada Maranhense, 2018-2022. **Remunom**, [*s. l.*], v. 1, n. 2, 2026.

SOUSA, Ana Victoria Pinheiro de; SILVA, Amanda Teixeira Barbosa da; PESTANA, Drielly Marley Quintos; REGO, Ellen Girlane Silva; ALVES, Edinaldo dos Passos; MOUTINHO, Jhonatânia Jandira Uchôa; CASTRO, Maria Henilda Ferro; LUZ, Nayla Francine Araújo da; NUNES, Walesk Rayani Mendes; REIS, Flavia Helena Cabral Silva. Enfermagem frente à violência contra mulher: práticas assistenciais no acolhimento e notificação de vítimas. **Periódicos Brasi**l. Pesquisa Científica, [*s. l.*], v. 5, n. 1, p. 925-933, 2026.

TEIXEIRA, Aline do Amaral; SILVA, Ana Caroline Dias da; ANTUNES, Maria Cristina; POLLI, Gislei Mocelin. Representações sociais sobre ser mulher na sociedade contemporânea. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [*s. l.*], v. 44, e264821, p. 1-17, 2024.

VIANA, Dalila Sena; COSTA, Maria do Socorro Moura. A cultura do patriarcado no Brasil: da violência doméstica ao feminicídio. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [*s. l.*], v. 10, n. 5, p. 2829–2847, 2024.

**Utilização da Inteligência Artificial Generativa:** O modelo de inteligência artificial generativa ChatGPT foi utilizado exclusivamente na etapa de levantamento bibliográfico dos artigos. A análise e interpretação dos dados na redação do conteúdo científico, bem como a análise crítica e elaboração intelectual da pesquisa são de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores.

**Eixo Temático 1:** A saúde coletiva no enfrentamento da violência.